



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**A OPRESSÃO DA MULHER NA OBRA: A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE
GUSMÃO DE MARTHA BATALHA**

FLÁVIA JULIANA SILVA DUARTE

CATOLÉ DO ROCHA/PB
2021

FLÁVIA JULIANA SILVA DUARTE

**A OPRESSÃO DA MULHER NA OBRA: A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE
GUSMÃO DE MARTHA BATALHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Português. Orientador: Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo.

CATOLÉ DO ROCHA/PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D812o Duarte, Flavia Juliana Silva.

A opressão da mulher na obra [manuscrito] : A vida invisível de Eurídice Gusmão de Martha Batalha / Flavia Juliana Silva Duarte. - 2021.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Romance. 2. Mulheres. 3. Opressão. I. Título

21. ed. CDD 362.83

FLÁVIA JULIANA SILVA DUARTE

**A OPRESSÃO DA MULHER NA OBRA: A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE
GUSMÃO DE MARTHA BATALHA**

Aprovado em: 04 de outubro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Responsável pelo preenchimento

Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof.^a. Ma. Maria Caliana Vieira Carneiro (Examinadora)
E.M.E.F João Rosado de Oliveira



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba – (UEPB)

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2021

DEDICATÓRIA

Ao meu pai José Duarte da Silva (*in memoriam*) tenho certeza de que, de onde ele estiver, está feliz por essa conquista, e a minha mãe, por ter proporcionado a minha inserção no mundo escolar.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A **Deus** pela força e pela coragem, para superar todas as dificuldades enfrentadas e persistir na realização deste trabalho.

A toda minha família, especialmente minha mãe **Maria de Fátima Silva**, que sempre me apoiou e sempre esteve comigo nos momentos mais difíceis dessa caminhada. A minha prima **Magna Rodrigues** e minha tia **Francisca Duarte**, que sempre me ensinaram a nunca desistir dos meus sonhos.

A meu querido e estimado orientador, **Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo**, pela dedicação e paciência na orientação deste trabalho. Meu amigo que tive a honra de trabalhar com ele durante dois anos no projeto de iniciação científica PIBIC.

A banca examinadora, **prof.^a. Ma. Maria Caliana Vieira Carneiro**, e **prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo**, muito obrigada por aceitarem fazer parte deste momento tão especial da minha vida e por ter compartilhado seus conhecimentos durante minha jornada de estudos.

A todos meus colegas de curso, em especial minha melhor amiga, **Flávia Rirelle da Silva Diniz Queiroga**, minha dupla de todos os trabalhos acadêmicos, e aos meus colegas, em especial, **Cíntia Suzany**, **Luciana Rozeno**, **Natan Severo**, **Ana Geovana e Valdelânia Serafim**.

A todos os meus professores do curso, em especial **Marta Lúcia Nunes** e **Eliene Alves Fernandes**. E a todos meus colegas de trabalho. Meu muito obrigada.

O feminismo nos ajuda a melhorar o modo como vemos o outro. O direito de ser quem se é, de expressar livremente a forma de estar e aparecer e, sobretudo, de se autocompreender.

Marcia Tiburi

RESUMO

A presente pesquisa teve como principal objetivo analisar a figura feminina a partir do romance de Martha Batalha, *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, mostrando as formas de opressão sofrida pelas mulheres, marcadas ao mesmo tempo pela dificuldade da mulher de protagonizar a própria vida e a luta de resistência contra as estruturas sociais que buscam cerceá-las. Com isso, percebemos que muitas das representações romanescas que surgiram, colocaram as questões do gênero feminino como evidência das situações de acirramento social das identidades humanas. A pesquisa foi realizada com um aporte metodológico bibliográfico, e para embasarmos nosso trabalho citamos alguns teóricos como: Batalha (2016), Silva (2012), Zolin (2009), Hooks (2019), Davis (2016), dentre outros. Após a realização da pesquisa percebemos o aumento das conquistas femininas e que algumas lutas contra as mulheres ainda precisam ser colocadas em prática.

Palavras chaves: Romance. Mulheres. Opressão.

ABSTRACT

The main goal of the present work was to analyze the female figure from Martha Batalha's, "A vida invisível de Eurídice Gusmão", showing the forms of oppression suffered by women, marked at same time by the difficulty of women to lead their own lives and resistance struggle against social structures that seek to curb them. Therewith, we realize that many of the novel representations that emerged, placed the issues of the female gender as evidence of situations of social intensification of human identities. The research was carried out with a bibliographic methodological, and to support our work we quote some theorists such as: Batalha (2016), Silva (2012), Zolin (2009), Hooks (2019), Davis (2016), among others. After the achievement of the research, we notice an increase in female achievements and that some struggles against women still need to be put into practice.

Keywords: Romance. Women. Opression.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 LITERATURA BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA	11
2 A OPRESSÃO CONTRA AS MULHERES	16
3 ANÁLISE DA OBRA A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS.....	27

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender, a partir do romance de Martha Batalha, *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, como a condição feminina no contexto social dos anos 40 é marcada pela opressão contra as mulheres, como também identificar no romance, trechos em que ocorrem a luta de suas personagens, Guida e Eurídice, pela autonomia da mulher. E correlacioná-la com a dita segunda onda do feminismo. Analisando na obra a temática de um problema da condição social da mulher. Perguntamo-nos assim o que este romance de Martha Batalha tem a dizer sobre o feminino quando a discussão de gênero no Brasil se encontra em posições de conflito.

Sabemos hoje que o país atravessa uma profunda crise institucional, econômica, política e cultural, seria então o feminismo um dos primeiros aspectos romanescos a se encontrar a altura destas discussões de crise prementes da sociedade? A pesquisa tenta buscar encontrar a conexão existente entre o romance brasileiro e o seu grau de comprometimento com o tempo hodierno. Isso não significa que estamos preestabelecendo a busca de um romance engajado em uma causa específica ou uma representação de sujeitos históricos, mas sim tentaremos encontrar forças de transfiguração simbólica do real que determinam a configuração estética da obra.

A intenção com a pesquisa é perceber quais recursos estéticos e estratégias narrativas esta obra recorre para ficcionalizar o aspecto do feminismo contemporâneo como forma de atualização do romance. A conclusão de que é preciso entender a questão do feminino na literatura como um dos caminhos modeladores da situação do romance brasileiro no tempo presente precisa ser mais bem explicada. Tomamos como ponto de partida da investigação a ideia de que uma parcela do romance contemporâneo está voltada ao debate do estado de crise do indivíduo presentificado como crise social atual, isto é, de personagens cujas experiências denunciam uma incapacidade de projetar um futuro para si. Parece então que sobrou ao romance, na representação da ação do sujeito neoliberal, expor os espaços mínimos de reconhecimento e solidariedade sociocultural, em um contexto em que a sociedade tem agentes que bloqueiam os espaços que podem gerar participação efetiva de transformação dos processos políticos e econômicos. O desafio atual dos debates das

lutas por identidade, como é posta pelo feminismo, é caminhar entre a importância da reestruturação da relação sexo-gênero e as modificações de sistemas sociais.

O artigo divide-se em três tópicos, no primeiro tópico “Literatura Brasileira de autoria feminina”, abordaremos o avanço do público feminino em obras literárias. No segundo tópico “A opressão contra as mulheres”, citaremos algumas formas de opressões contra elas e algumas lutas feministas. No terceiro tópico “Análise da obra A Vida Invisível de Eurídice Gusmão”, fizemos uma análise da figura feminina no romance de Martha Batalha.

1 LITERATURA BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA

A inserção da figura feminina vem crescendo cada vez mais nos livros de literatura. Com o passar dos anos, as mulheres começaram a ser mais valorizadas, avançando crescentemente nas publicações de suas obras literárias. Ao longo dos anos, o papel sociocultural e político das mulheres vai se modificando, assim também acontece na literatura, seja pela representação seja pela participação como escritoras. O fato é que o espaço para o público feminino está progressivamente aumentando na sociedade brasileira, pois conforme Silva (2012, p.105) “A literatura dialoga com a História procurando uma aproximação ou definição de seu campo real”. Deste modo, ela está profundamente ligada à história.

A presença das mulheres nas obras literárias tem sido um grande avanço do feminismo, já que anteriormente acontecia a ausência de questões importantes no que diz respeito à mulher nos livros de literatura. Isso se evidencia na presença de autoras cada vez mais conhecidas atualmente com as suas publicações, seja em uma escrita mais atual ou mais antiga.

Por muitos e muitos anos, a voz das mulheres foram silenciadas, em vários aspectos: na política, na religião e na criação de livros, de forma que elas não tinham direito a exercer seu poder de escolha, sustentando a ideia de que a mulher só podia ser esposa, mãe e dona de casa.

Durante a idade antiga, a vida das mulheres era basicamente dedicar-se ao marido, aos filhos e a casa, segundo Machado (2008, p.2) *apud* Silva (2012, p.107) “Cuidar do lar, monitorar o crescimento de seus filhos e devotar integral fidelidade ao marido passava a ser a vida de qualquer mulher grega”. Essa ideia foi sustentada durante muito tempo e até hoje, infelizmente ainda temos pessoas que pensam dessa forma, mas, houve um avanço significativo em relação a esse pensamento, muitas mulheres conseguiram um espaço profissional, seguiram suas carreiras escolares e se desprenderam mais dessa ideia de ser submissa aos maridos.

Várias mulheres marcaram a história do nosso país, alcançando muitos direitos, entre eles podemos citar o direito pelo voto, em 1932 as mulheres obtiveram esse direito, e no ano seguinte em 1933 exerceram a função da democracia. Conquistaram também outros direitos como cita Cotrim:

- Licença gestante com duração de 120 dias para a mulher [...]; ao trabalhador doméstico (cozinheiras, babás, arrumadeiras, caseiras) foram assegurados vários direitos como: salário-mínimo, 13º salário, repouso semanal remunerado, férias remuneradas, com 1/3 a mais que o salário normal, licença-gestante remuneradas de 120 dias, aviso prévio e aposentadoria. (COTRIM, 1997, p.150).

Então percebemos várias conquistas pelo público feminino, com sua garra e coragem, porque não foi e não é fácil lutar com uma sociedade preconceituosa como essa em que vivemos.

O público feminino e sua significação na literatura passaram por diversas mudanças ao longo dos anos, isso graças às lutas que foram e que ainda são conquistadas. Essas mudanças são percebidas:

[...] no decorrer das diferentes épocas históricas e literárias que a mulher segue a linha do tempo, mas não de maneira uniforme. Ela vai evoluindo social, intelectual e moralmente em relação ao homem. De submissa e deusa, a mulher passa a ser vista como um ser capaz de sofrer, mas também de liderar a sua casa ou uma empresa; capaz, enfim, de dar valor a volta por cima (SOUZA, 2005, p.9).

Muitas mulheres conseguiram superar as dificuldades, e alcançaram vários objetivos, como a participação na política, líderes de empresas, entre outras. Desenvolvendo um papel impecável para a sociedade e mostrando que é capaz de não ser apenas uma dona de casa. Mas, há ainda muito a se conquistar, e muita violência ainda a combater na sociedade brasileira.

E com todas essas conquistas, a inserção da mulher como autoras de livros está decolando cada vez mais, podemos citar algumas escritoras brasileiras bastante conhecidas como, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, entre outras escritoras que são extremamente importantes para a literatura.

A crítica feminista, surgida por volta de 1970 no contexto do feminismo, fez emergir uma tradição literária feminina até então ignorada pela história da literatura. Tomando como elemento norteador a bandeira do feminismo e, portanto, a ótica da alteridade e da aliança, muitos historiadores literários começaram a resgatar e a reinterpretar a produção literária de autoria feminina, numa atitude de historicização que se constituiu como resistência à ideologia que historicamente vinha regulando o saber sobre a literatura. (ZOLIN, 2009, p. 253).

O cânone literário que antes era constituído por mais homens que mulheres, sendo elas excluídas do mundo da escrita, atualmente o público feminino vem conseguindo mais espaço como também mais destaque nas obras literárias.

De acordo com o que foi abordado as vozes femininas foram silenciadas no âmbito social durante muito tempo, não tinham espaço para se expressarem como realmente elas merecem, e com isso, no final do século XX, houve uma mudança nesses domínios, a cognição da escrita das mulheres como fonte de pesquisas. Além disso, precisamos avançar cada vez mais para que possamos alcançar um maior público feminino como autora de obras literárias.

Citaremos algumas linhas de pesquisa ligadas à crítica feminista desenvolvidas no Brasil, de acordo com Zolin (2009, p. 181-182).

Resgate	<p>1) Pesquisa e constituição de um <i>corpus</i> significativo da produção desconhecida de literatura de autoria feminina do passado, tornadas invisíveis pela medição crítica, quase exclusivamente masculina, a partir de uma postura revisionista, que dê um novo olhar sobre velhos textos.</p> <p>2) Estudo desse <i>corpus</i> para desconstruir os saberes hegemônicos, buscando outros.</p>
Teorias e críticas	<p>Aprofundamento de leituras teóricas que subsidiem o discurso crítico com vistas a análises feministas do fenômeno literário em seu sentido restrito, de obras específicas, e, no sentido amplo, em termos de inserção de obras no contexto da história literária e crítica e no movimento geral da cultura, a partir de pontos de vista que levem em conta</p>

	identidades e diferenças no contexto nacional e transnacional.
Interdisciplinaridade	Leitura de produção literária de autoria feminina e dos modos de representação da mulher marcados por inter-relações discursivas entre literatura e as disciplinas que contribuem para esclarecer a posição histórica, política, social, psíquica ou outras, das escritoras.
Representação	Análise dos modos de representação da mulher nos textos literários produzidos por mulheres ou homens a partir de uma visão feminista.

Quadro 7. Linhas de pesquisa ligadas à crítica feminista desenvolvidas no Brasil.

O quadro traz algumas linhas de pesquisa referente à crítica feminista, podemos perceber um crescimento bastante produtivo a respeito delas, ou seja, durante esse século essas linhas de pesquisa foram muito fortalecidas, o que vem acontecendo também no século XXI.

No entanto, a respeito disso, os escritos de mulheres, assim como aqueles relacionados às minorias étnicas e sexuais e dos segmentos sociais menos favorecidos, são relativamente pouco difundidos na sala de aula. É como se essas vozes *Outras* não fossem dignas de figurar nos currículos escolares, inclusive naqueles dos cursos de Letras. (ZOLIN, 2009, pág. 182).

Apesar de ser difícil, mudar os valores e as regras que já são intituladas aos estudos, não podemos deixar os alunos apenas conhecer os textos literários, podemos ir mais além e desenvolver leituras, buscando a reflexão de outros tipos de textos procedentes de outros fragmentos culturais, tornando a leitura dos discentes mais crítica.

Portanto, concluímos que a inserção do público feminino, inseridos em obras literárias, teve uma progressão significativa no século XXI. E cada vez mais temos que ter esse olhar voltado para as mulheres.

2 A OPRESSÃO CONTRA AS MULHERES

Em pleno século XXI o público feminino ainda sofre uma grande opressão, principalmente por parte dos seus companheiros, homens machistas que tratam suas esposas como objetos e não como pessoas, sendo assim dominadas por eles. A opressão sexista infelizmente também é bastante ocorrida entre as mulheres.

As mulheres são o grupo mais vitimado pela opressão sexista. Tal como outras formas de opressão de grupo, o sexismo é perpetuado por estruturas sociais e institucionais; por indivíduos que dominam, exploram ou oprimem; e pelas próprias vítimas, educadas socialmente para agir em cumplicidade com o *status quo*. A ideologia supremacista masculina encoraja a mulher a não enxergar nenhum valor em si mesma, a acreditar que ela só adquire algum valor por intermédio dos homens. Fomos ensinadas que nossas relações umas com as outras não nos enriquecem, mas, pelo contrário, deixam-nos ainda mais pobres. Fomos ensinadas que as mulheres são inimigas “naturais” umas das outras, que a solidariedade nunca irá existir entre nós porque não sabemos nem devemos nos unir. E essas lições foram muito bem aprendidas. Precisamos, por isso, desaprendê-las, caso queiramos construir um movimento feminista duradouro. Precisamos aprender a viver e trabalhar em solidariedade. Precisamos aprender o verdadeiro sentido e o verdadeiro valor da irmandade. (HOOKS, 2019, p. 79).

Com isso, muitas mulheres não conseguem alcançar seus objetivos, pois ficam presas a essas regras que os homens colocam sobre elas. O movimento feminista luta em defesa das mulheres para que elas possam reivindicar pelos seus direitos, para que sejam iguais aos dos homens.

Ao longo dos anos esses direitos vêm sendo alcançados cada vez mais pelo público feminino, um exemplo disso é a jornada de trabalho, que homens e mulheres trabalhavam o mesmo tempo e os homens ganhavam um salário maior, atualmente a igualdade salarial já é bastante equilibrada entre o público feminino e o masculino, com isso, precisamos estar cada vez mais unidas para combater esse tipo de desigualdade.

Outro tipo de desigualdade é que, segundo a maioria dos homens, trabalho doméstico é apenas dever das mulheres, eles não têm direito de ajudá-las só pelo fato de serem homens, sendo assim as mulheres responsáveis por todo trabalho caseiro.

Os incontáveis afazeres que, juntos, são conhecidos como “tarefas domésticas” – cozinhar, lavar a louça, lavar a roupa, arrumar a cama,

varrer o chão, ir às compras etc. -, ao que tudo indica, consomem, em média, de 3 mil a 4 mil horas do ano de uma dona de casa¹. Por mais impressionante que essa estatística seja, ela não é sequer uma estimativa da atenção constante e impossível de ser quantificada que as mães precisam dar às suas crianças. Assim como as obrigações maternas de uma mulher são aceitas como naturais, seu infinito esforço como dona de casa raramente é reconhecido no interior da família. As tarefas domésticas são, afinal de contas, praticamente invisíveis: Ninguém as percebe, exceto quando não são feitas – notamos a cama desfeita, não o chão esfregado e lustado”². Invisíveis, repetitivas, exaustivas, improdutivas e nada criativas – esses são os adjetivos que melhor capturam a natureza das tarefas domésticas. (DAVIS, 2016, p. 225).

Ou seja, muitas vezes só valorizam o trabalho das mulheres quando sentem a ausência deles. A maioria dos maridos pensam que as suas esposas são empregadas domésticas, e que os afazeres de casa são exclusivamente obrigação delas.

Citaremos alguns tópicos de luta das mulheres que, quando colocados em correlações, formam um conceito de bandeira de luta do feminismo. A partir de leituras e de discussões como Biroli (2014), chegamos a alguns pontos de consenso das problemáticas que envolve a questão de gênero.

a) Lutas por acessos a esferas de cidadania igual para homens e mulheres.

A luta pela igualdade da cidadania ainda é algo que repercute muito nos dias de hoje, é um assunto que vem sendo pautado com frequência. A Proclamação da República, em 1889, criou grande expectativa de mudanças na estrutura da sociedade brasileira em direção à ampliação dos direitos de cidadania. No entanto, a Constituição Republicana, de 1891, demonstrou que quase nada mudaria pois, embora ampliando as garantias constitucionais, sedimentou o pacto liberal-oligárquico e manteve o poder político e econômico restrito às camadas privilegiadas. O público feminino, por sua vez, ficava esquecido, mas com algumas projeções e conquistas obteve-se um avanço em relação à igualdade da cidadania entre homens e mulheres.

b) Lutas contra o assédio sexual

Todos os dias mulheres são vítimas de assédio sexual, seja na rua, no trabalho, no transporte público, ou até mesmo no convívio familiar. Essa violência oprime os direitos das mulheres e a liberdade de escolha com quem se relacionar. É muito importante a luta contra o assédio e contra qualquer forma de opressão do machismo.

O assédio sexual atinge mulheres de qualquer idade, seja crianças, jovens e adultas, gerando uma falta de respeito com as mulheres. O problema está na sociedade que é composta por várias pessoas machistas, ou seja, alguns homens acham que o corpo das mulheres é público fazendo assim o que querem com elas, algumas sem condições até mesmo para se defender. Muitas vezes somos vítimas não só da violência sexual como da verbal, somos oprimidas por velhos costumes que se rejeitam serem apagados.

c) Lutas pelo direito de autonomia sexual

A luta pelo direito a sexualidade é uma luta urgente, pois essa luta não se resume somente ao público feminino, vimos também a participação do masculino em relação a essa questão. Tanto homens como mulheres sofrem discriminação quando se refere a escolha de sua sexualidade. Em pleno século XXI o preconceito está bastante presente nessa luta, infelizmente algumas pessoas não respeitam o próximo, e as suas escolhas, causando brigas, discussões e em alguns casos pode levar a morte. Precisamos mudar urgentemente essa ideia, e ter mais respeito e empatia pelo próximo.

d) Lutas pelos espaços de decisão política

A presença das mulheres na política vem se espalhando a cada dia mais, uma grande conquista alcançada por essa classe foi o direito ao voto, que antes apenas o público masculino exercia essa função, hoje além do direito ao voto, temos mulheres ocupando cargos políticos importantíssimos, inclusive no nosso país, Brasil, já tivemos até mesmo uma mulher eleita a cargo de presidenta.

Mas, precisamos avançar cada vez mais na pauta “mulheres na política” promovendo encontros de formação política e demais assuntos de interesse, com a intenção de atuar com mais precisão na política e, eventualmente, lançar candidatas e conseguir êxito em elegê-las.

e) Luta pelo direito de construir sua própria “feminilidade”.

A luta pelo direito da feminilidade da mulher é um tema bastante discutido, na maioria das vezes a sociedade idealiza o comportamento das mulheres, sem nem mesmo conhecê-las, fazendo assim se sentirem inferior. Não existe mulheres

femininas apenas se usarem rosa, se pintar as unhas, se usar maquiagem, ou ter cabelos longos, cada mulher tem sua própria feminilidade de acordo com os seus gostos, que são bastante variados.

São várias lutas que precisamos colocar em prática para defender o direito das mulheres, partimos de uma sociedade machista em que, na maioria das vezes, somos vítimas do preconceito, e em algumas ocasiões não temos como nos defendermos, ficando caladas porque sofremos várias formas de opressão, não tendo assim o direito de fala o qual era o certo obtermos. Abordaremos algumas dessas lutas no próximo tópico que analisamos a figura feminina no romance de Martha Batalha.

3 ANÁLISE DA OBRA A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO

A escritora brasileira, Martha Batalha nasceu em Recife em 1973, mas cresceu na Tijuca, no Rio de Janeiro. Formou-se em jornalismo com mestrado em literatura pela PUC-Rio, trabalhou nos jornais O Dia, O Globo e Extra e criou a editora Desiderata, hoje parte da Ediouro. Mudou-se para Nova York em 2008, onde completou o mestrado em Publishing da New York University e recebeu a maior distinção do curso, a Oscar Dystel Fellowship. Deixou o mercado editorial americano para se tornar escritora. Feito raro para um livro de estreia, A vida invisível de Eurídice Gusmão já teve os direitos vendidos para o cinema e para mais de dez editoras estrangeiras.

Seu principal romance A vida invisível de Eurídice Gusmão, relata a história de Eurídice e sua irmã Guida. Guida Gusmão desaparece da casa dos pais sem deixar notícias, enquanto sua irmã Eurídice se torna uma dona de casa exemplar. Eurídice casa-se com um homem machista, daqueles que pensam que as mulheres só servem para cuidar da casa, dos filhos e do marido.

O enredo inicia-se com o casamento de Eurídice com Antenor. Na noite de núpcias Antenor não gostou quando não viu o lençol manchado de sangue e logo começou a chamar a esposa de vagabunda. “Vagabunda. Eu me casei com uma vagabunda.” (BATALHA, 2016, p.10). Logo depois, Eurídice começou a chorar por causa das palavras ditas pelo esposo pois sabia que era virgem e não sabia o porquê de o lençol não ter ficado sujo.

Com o passar dos dias, Antenor se acalmou e percebeu que sua esposa era útil para ele, pois queria uma esposa que fosse uma dona de casa impecável. “Ela sabia desaparecer com os pedaços de cebola, lavava e passava muito bem, falava pouco e tinha um traseiro bonito”. (BATALHA, 2016, p.11). Com o passar dos anos tiveram dois filhos, uma menina chamada Cecília e um menino chamado Afonso. Mas, Eurídice não era feliz, não tinha emprego só tinha tempo para cuidar da casa, dos filhos e do marido.

Antenor saía para o trabalho, os filhos saíam para a escola e Eurídice ficava em casa, moendo carne e remoendo os pensamentos estéreis que faziam da sua vida infeliz. Ela não tinha emprego, ela já tinha ido para a escola, e como preencher as horas do dia depois de arrumar as camas, regar as plantas, varrer a sala, lavar roupa, temperar o

feijão, refogar o arroz, preparar o suflê e fritar os bifes? (BATALHA, 2016, p.12).

Eurídice, se sentia incompleta por não fazer tudo ou pelo menos um pouco do que almejava, certo dia ela foi até a venda de seu Antônio comprar um caderno para anotar suas receitas, Eurídice era uma ótima cozinheira e sempre estava a inventar novas receitas. Então pegou seu caderno e começou anotar todas as receitas que sabia cozinhar. Com um certo tempo, pensou em publicar seu caderno de receitas e foi perguntar a Antenor o que ele achava. Antenor por sua vez começou a rir dessa ideia que para ele era um absurdo.

“Deixe de besteiras, mulher. Quem compraria um livro feito por uma dona de casa.” (BATALHA, 2016, p.32). Eurídice muito triste com a resposta do seu esposo, baixou a cabeça, mas no final achou que o marido tinha razão, pensava que sempre era ele que estava certo.

Eurídice que só tinha tempo para a casa, filhos e marido, começou a costurar, ela fazia belas roupas para suas clientes, era uma costureira excelente, e os preços eram muito acessíveis. O número de clientes foi crescendo e Eurídice teve que contratar uma ajudante. Mas esse emprego não demorou muito tempo, pois seu marido não gostava de ver a mulher trabalhando.

lam achar que ele era homem de menos porque a mulher trabalhava demais. [...] Então eu me mato de trabalhar naquele banco para você ter do bom e do melhor e descubro essa feira livre aqui em casa? Mas Antenor, eu também gosto de trabalhar. O seu trabalho é cuidar da casa e das crianças. (BATALHA, 2016, p.52-53).

Antenor extremamente machista, pensava que só ele quem podia trabalhar, caso contrário ele seria menos homem. Eurídice era destinada a fazer tudo que ele queria, e como sempre a última palavra era a dele. No final Eurídice não conseguiu ficar com o emprego e deixou de ser costureira.

Guida, irmã mais velha de Eurídice, que tinha fugido da casa dos pais, reapareceu depois de muitos anos, na casa da irmã junto com seu filho. Eurídice, já tinha procurado por muito tempo sua irmã, mas, nunca a tinha encontrado. Quando de repente, a campainha de sua casa toca e a empregada anuncia a patroa que tem uma moça dizendo que é sua irmã.

De todos os abraços da vida de Eurídice aquele foi o mais estranho. Foi um abraço que dizia “deixa eu te tocar pra ver se você existe. Deixa eu ver se é mesmo verdade que você está aqui”. Era mesmo verdade: aquela era mesmo a Guida, embora não fosse a mesma Guida, o que ficou claro depois de ouvir a história da irmã. (BATALHA, 2016, p. 85).

Logo em seguida, Guida contou como foi esses anos longe da sua família. Em uma conversa bastante longa, ela disse que seu antigo esposo a tinha deixado sozinha. Ele era formado em medicina, porém tinha comprado o diploma, e como não sabia atender seus pacientes acabou-os perdendo. Com isso, começou uma crise financeira que afetou o modo como eles viviam, saíram de uma casa bonita e confortável e terminaram morando em uma casa velha e cheia de mosquitos. Com muitos problemas no casamento, Guida disse que ele a abandonou.

Marcos levantou-se, vestiu a roupa que estava sobre a cadeira e saiu em seguida, deixando um recado para a mulher na mesinha ao lado da porta. O recado era a aliança de casamento. “E foi isso o que este homem me fez, Eurídice. Ele me deixou ali, abandonada à própria sorte.” (BATALHA, 2016, p.103).

Além de tudo que aconteceu, Guida descobriu que estava grávida. Resolveu avisar ao seu esposo, foi até o seu consultório, mas, não o encontrou. Viu o porteiro e ele disse que várias pessoas já tinham ido lá reclamar do atendimento do falso médico. Sem saber como lidar com essa gravidez, ela resolve voltar para casa para ficar perto da sua família, mas, o pior aconteceu, ao chegar em casa seu pai não a recebeu.

Ela ainda estava dentro do bonde quando avistou a quitanda, e os olhos de seu Manuel. A mãe e a irmã deviam estar em casa, preparando o almoço. Pai e filha se encaravam enquanto ela se aproximava. Seu Manuel baixou o rosto quando Guida entrou na quitanda. “Pai?” ... “Pai?” ... “Sou eu, pai. Sua filha Guida.” Seu Manuel não levantou a cabeça, e só deixou de cerrar os dentes para pôr fim à situação. “Só tenho uma filha. Ela se chama Eurídice.” (BATALHA, 2016, p.106).

Além de ter sido abandonada pelo esposo, foi rejeitada pelo próprio pai. Muito triste por ele não a aceitar de volta, resolveu procurar um emprego e seguir sua vida, pensou em abortar a criança, mas, não teve coragem, quando a criança nasceu, Guida sentiu um amor tão grande pelo filho que não o abandonaria por nada.

Quando voltou para casa, recebeu várias doações de suas vizinhas. Filomena que gostava muito de recém-nascidos ofereceu ajuda ao ver Guida sozinha após o parto.

Filomena não podia com mãe desamparada, ainda mais que nem Guida, tão fraquinha. “É de dar peteleco e ver cair”, ela disse, quando se conheceram. A mulher também tinha uma queda por recém-nascidos. Quando pegava um no colo se lembrava dois oito filhos que teve. Cinco foram encaminhados para a adoção e três foram sufocados pelo companheiro da vez, nos fundos do cortiço. (BATALHA, 2016, p.111).

Guida, criou seu filho Chico junto com Filomena. O menino tinha duas mães e gostava muito delas. Filomena cuidadora de crianças teve que interromper seu trabalho devido a um câncer. Sua amiga, Guida, tinha que trabalhar dobrado para poder comprar os remédios, que eram muito caro para o tratamento de Filomena. Com o passar dos dias o câncer foi piorando e Filomena já não estava aguentando tantas dores. Guida ficou muito triste com a situação da sua melhor amiga, foi até a farmácia comprar uma dose de morfina, cena que se repetiu por vários dias.

A dose extra custou a metade das economias. A segunda dose custou a outra metade. A terceira dose custou o colar com a medalha de Nossa Senhora que Guida nunca tirava do pescoço. A quarta dose custou Guida deitada sobre o tapete dos fundos da farmácia, com seu João resfolegando por cima. A quinta dose custou o mesmo, e a sexta dose não foi necessária. Filomena partiu entre devaneios de morfina, do jeito que Guida queria. (BATALHA, 2016, p.120).

Guida fez de tudo para tentar salvar sua amiga, inclusive foi abusada por seu João, dono da farmácia, mas infelizmente ela não resistiu e acabou falecendo. Logo depois seu filho adoeceu e teve que passar por tudo isso novamente. Como não sabia mais o que fazer voltou para a casa de Eurídice. Não foi exatamente essa história que Guida contou à sua irmã, mas terminou-se o relato com Eurídice muito feliz por tê-la de volta. Com muitas saudades dos pais perguntou a Eurídice como eles estavam, logo ela disse que infelizmente sua mãe havia falecido.

Seu Manuel enlouqueceu um pouco com a morte de d. Ana. Como um bom português preferiu fazer isso sozinho e contra a parede do quarto, onde bateu a cabeça em desespero nas sete primeiras noites sem a mulher. Ele queria ter cabelos para puxar, mas agora só tinha uns

poucos fios por trás das orelhas, penteados para cima para cobrir a careca. Os fios raros lhe eram tão preciosos que achou por bem deixá-los em paz. Ele tinha no peito o mesmo remorso que Guida sentiu quando soube da morte da mãe. Remorso por coisas que nem eram muito sua culpa, como o jeito durão que foi criado, e que dizia que não há nada mais importante que honra. Foi essa crença que fez seu Manuel renegar a filha, porque era melhor ter uma filha longe e uma mulher morrendo aos poucos do que aceitar a moça pródiga, e transformar a vergonha em algo tangível. (BATALHA, 2016, p.129).

Eurídice contou para Guida que seu pai não estava muito bem após a morte de sua mãe, ninguém sabia o motivo pelo qual d. Ana adoeceu, mas, seu Manuel sabia que ela tinha morrido pela falta que sentia de Guida. Começou a se sentir culpado, mas, não fez nada, quando a filha resolveu voltar ele não a acolheu, achou melhor ver a esposa morrendo aos poucos do que aceitar a própria filha.

Ao longo do tempo, Guida casou-se novamente e saiu da casa da irmã. Antenor continuava trabalhando e continuava aquele homem machista, que pelo fato de não deixar faltar o básico em casa, Eurídice tinha que se sentir bem, e ela ficava pensando no que realmente ela tinha...

Eurídice olhava o marido com olhos de caso perdido. Depois perdia seus olhares na sala, de frente para a estante de livros. A melancolia da moça, que tinha melhorado com a presença da irmã, piorou quando Guida foi moar com seu Antônio. A casa voltou a ficar em silêncio, o dia voltou a ter mais horas do que devia. Antenor tinha o trabalho, Das Dores tinha a faxina, os filhos tinham a vida toda. E Eurídice, o que tinha? (BATALHA, 2016, p. 161)

Depois que a irmã se casou e saiu de casa, Eurídice se sentia sozinha, era como se ela fosse invisível, não podia trabalhar por causa do marido, tinha uma empregada que fazia os afazeres de casa, e com isso o tempo não passava. Um certo dia, quando não aguentava mais a solidão, resolveu comprar uma máquina de escrever, que preenchia suas tardes. “Estou escrevendo um livro. É sobre a história da invisibilidade”. (BATALHA, 2016, p.164)

E com isso chegou-se ao fim da história, Guida morando com o seu novo esposo, e cuidando do seu pai, os dois se entenderam depois que seu Manuel sofreu um derrame e para tentar recuperar o tempo perdido, ele foi morar com sua filha, a qual cuidava muito bem dele. Eurídice continuou escrevendo livros, pois era a única distração que tinha. E o barulho da máquina de escrever continuou tec tec tec...

Diante disso, podemos levantar alguns pontos da narrativa sobre a questão dos embates de gênero. Eurídice sentia se presa em um mundo que não podia viver da forma como gostaria, mesmo sabendo que ela poderia ser quem ela quisesse, pois era muito inteligente e dedicada no que fazia, mas, era vítima dos costumes machistas que enfrentava em toda a narrativa. O texto denuncia esses costumes tanto na fala de Eurídice que sofre opressão do esposo como também na fala de Guida que, em algumas vezes, era tratada como objeto de desejo, destacando alguns movimentos machistas sofrido por ela, como o abandono do esposo e a rejeição do próprio pai. As irmãs viveram duas formas de vidas diferentes, mas, as duas foram marcadas pelo machismo.

A partir da leitura do romance podemos dizer que a figura feminina destacada no texto é inferior ao homem, sendo assim menosprezada diante das condições sociais da época, não tendo o poder de escolha e sendo levada a forma mais difícil de sobrevivência. As duas irmãs além de serem ligadas pelo sangue, estavam ligadas pela forma que eram tratadas diante da sociedade e pela forma como as duas lutavam por melhores condições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O feminismo já alcançou e vem alcançando várias lutas feministas, mas não é o momento de pararmos, temos que seguir, para que cada dia, nós mulheres, possamos nos adentrar cada vez mais na sociedade, sem sermos julgadas ou tratadas de forma diferente. A luta pelos direitos iguais continua, como todas as outras lutas que diz respeito ao público feminino.

Com o término das leituras citadas anteriormente, podemos chegar a algumas conclusões parciais sobre a questão da relação entre universo romanesco contemporâneo e a representação da mulher enquanto luta por reconhecimento nos espaços sócio-políticos. A primeira delas a ser apontada é que os livros que trazem a temática do feminismo mostram mulheres fraturadas, ou seja, marcadas pela opressão, como vimos na obra “A vida invisível de Eurídice Gusmão” da Marta Batalha. Mulheres que “não puderam se tornar quem era, ou quem desejavam ser” bloqueadas por uma espécie de sistema social patriarcal de requintes cruéis.

Em segundo lugar, encontramos um crescimento significativo em relação as mulheres na escrita, esta evoluiu com o passar do tempo através das lutas enfrentadas para conseguir espaço no meio social, e começou a ocupar as páginas das obras literárias no século XIX. Com o passar dos anos, nos séculos XX e XXI a inserção do público feminino foi só aumentando, tornando as mulheres mais presentes nas obras literárias.

Por fim, concluímos que, algumas lutas que dizem respeito ao feminismo, teve uma evolução satisfatória comparando aos anos anteriores. O crescimento é notório quando as mulheres estão unidas contra o preconceito, contra a opressão e contra qualquer tipo de desigualdade que possam afetá-las.

REFERÊNCIAS

BATALHA, Martha. **A vida invisível de Eurídice Gusmão**. 1. ed^a. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e Política: uma introdução**. 1. ed^a. São Paulo: Boitempo, 2014.

COTRIM, Gilberto. **História e Consciência do Brasil**. [s.n] – São Paulo: Saraiva, 1997.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**; tradução Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**; tradução Rainer Patriota. _ São Paulo: Perspectiva, 2019.

SILVA, Késia André da. A sensualidade feminina nos poemas de Vinício de Moraes. In: MELO, Marilene Carlos do Vale. **Nos caminhos das literaturas: práticas literárias e culturais**. [s.n], - João Pessoa: Editora Universitária da UEPB, 2012. p. 101-126.

SOUZA, Aida Kuri. **A personagem Feminina na Literatura Brasileira**. Criciúma, 2005. Monografia disponível em: <<http://www.bic.unesc.net/biblioteca/sumario/000027C9.pdf>>. Acesso em: 08 de agosto de 2021.

Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas / organização Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3. Ed. rev. E ampl. -- Maringá: Eduem, 2009.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 1^a ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

<<https://monografias.brasescola.uol.com.br/direito/cidadania-direitos-das-mulheres-um-estudo-sobre-condicao-mulher-brasil.htm>>. Acesso em: 08 de setembro de 2021.

<<https://juntos.org.br/2014/06/a-luta-das-mulheres-contra-o-assedio-sexual/>>.
Acesso em: 08 de setembro de 2021.

<<https://contee.org.br/a-inconstitucional-alienacao-da-autonomia-reprodutiva-das-mulheres/>>. Acesso em: 09 de setembro de 2021.

<<https://pretonobranco.com.br/noticia/7742/a-ocupacao-do-espaco-feminino-na-politica>>. Acesso em: 09 de setembro de 2021.